



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**HANS JONAS E O DESAFIO TECNOLÓGICO:
A URGÊNCIA CONTEMPORÂNEA DA RESPONSABILIDADE**

Pâmela Florentino Reis

Seropédica / RJ
Julho de 2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**HANS JONAS E O DESAFIO TECNOLÓGICO:
A URGÊNCIA CONTEMPORÂNEA DA RESPONSABILIDADE**

Pâmela Florentino Reis

Monografia apresentada como
requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciada em
Filosofia, sob orientação da
Profa. Dra. Michelle Bobsin
Duarte.

Seropédica / RJ
Julho de 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Pâmela Florentino Reis

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia

MONOGRAFIA APROVADA EM 31/07/2024 com média:

Nota:

Prof. Dra. Michelle Bobsin Duarte - UFRRJ
(Orientadora)

Nota:

Prof. Dr. Walter Valdevino Oliveira Silva – UFRRJ

Nota:

Prof. Dr. Thiago Vasconcelos – PUC PR

AGRADECIMENTOS

Inicio estes agradecimentos com o corpo e a mente cansada, mas com a certeza de que as palavras aqui presentes serão importantes para lembranças futuras. Agradeço primeiramente a mim mesma, por ter tido coragem, força e determinação para iniciar esse trajeto que sempre sonhei.

Agradeço aos meus pais, que foram cruciais para que tudo isso fosse possível. A minha mãe que me apoiou e organizou toda minha nova jornada sozinha. Ao meu pai que foi a força motora para que esse meu sonho pudesse ser concretizado. Dele veio todo o apoio necessário e inimaginável.

Agradeço as minhas conexões: Carol, Kadu, Bruna, Jesse, Tilé, Paola e Ângelo que tornaram a jornada longe de casa mais leve, e foram pilares importantes para que a jornada pudesse ser concluída.

Agradeço a Maria Eduarda que chegou no momento mais difícil e que nunca deixou de acreditar na minha capacidade e de que tudo isso fosse possível. Sem você não teria sido.

Agradeço a minha brilhante orientadora Michelle Bobsin por quem possuo grande admiração. Obrigada pelos ensinamentos e por de fato me orientar durante este percurso, pela sua paciência e compreensão.

Agradeço aos professores do Departamento de Filosofia da UFRRJ, pelos conhecimentos oferecidos e por me apresentar o que de fato é a filosofia.

*Enquanto o perigo for desconhecido
não se saberá o que há para se proteger e
por que devemos fazê-lo.*

Hans Jonas

RESUMO

O presente trabalho propõe apresentar as principais ideias e críticas de Hans Jonas ao desenvolvimento do que hoje conhecemos como tecnologia e as principais premissas da sua proposta ética para a civilização tecnológica. Em um primeiro momento, vamos abordar as características da ética tradicional e da *techné* antiga, apresentadas pelo autor em seu livro *O Princípio Responsabilidade*, para elucidar as diferenças entre o poder técnico do homem tradicional em contraste com o contemporâneo. Na segunda parte, serão apresentadas as principais diretrizes da proposta ética de Jonas em *O Princípio Responsabilidade*, passando pela heurística do temor e pelo imperativo categórico formulado por Jonas. No último capítulo, faremos a introdução do problema ético concernente ao avanço tecnológico a partir da obra *Técnica, Medicina e Ética* para desenvolver uma reflexão sobre o homem político e contemporâneo e seus dilemas com o poder da tecnologia.

Palavras-chave: Hans Jonas; Técnica; Responsabilidade; Ética.

ABSTRACT

This work aims to present Hans Jonas' principal ideas and criticisms regarding the evolution of technology as we understand it today, as well as the core tenets of his ethical proposal for technological civilization. Firstly, the characteristics of traditional ethics and ancient technology, as presented by the author in his book *The Imperative of Responsibility*, will be addressed in order to elucidate the differences between the power of traditional man in contrast to contemporary man. In the second part of this work, the principal tenets of Jonas's ethical proposal, as set forth in The Responsibility Principle, will be presented. This will include an examination of the heuristic of fear and the categorical imperative formulated by Jonas. In the concluding chapter, the ethical problem concerning technological advancement will be introduced. This will be drawn from the work *Technique, Medicine and Ethics*, with a view to developing a reflection on contemporary man and politicians and their dilemmas with the power of technology.

Keywords: Hans Jonas; Technique; Responsibility; Ethics.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. As características da ética tradicional e as mudanças no agir humano	10
1.1 O humano da techné	11
1.2 Técnica e natureza	12
1.3 A natureza modificada do agir humano e a necessidade de uma nova ética	14
2. A construção do Princípio Responsabilidade	17
2.1 A ideia do dever e a reformulação do imperativo antiano	17
2.2 Heurística do temor	199
2.3 O imperativo categórico e o Princípio Responsabilidade	21
3. O humano contemporâneo: responsabilidade, técnica e política	23
3.1 Tecnologia, responsabilidade e política	23
3.2 O Estado e a responsabilidade	24
3.3 O questionamento do alcance da técnica moderna como motor da reformulação ética	26
3. Considerações Finais	299
4. Referências Bibliográficas	31

INTRODUÇÃO

O filósofo alemão de origem judaica Hans Jonas iniciou seus estudos na filosofia na década de 1920. Por conta de sua origem, seus estudos inicialmente tratavam de temas teológicos, e Jonas teve como um dos seus professores Martin Heidegger. Porém, Jonas desvinculou-se do professor quando o mesmo se uniu ao partido nazista. Como bem demonstrou o pesquisador André Stock em sua análise “histórico-bibliográfica”, o pensamento de Hans Jonas é bastante marcado por suas escolhas políticas e sua vivência no ambiente da Segunda Guerra Mundial.¹ O desenvolvimento da técnica, que ocasionou a criação de artefatos que transformaram e ainda podem transformar permanentemente a natureza, como, por exemplo, as armas nucleares, e a adequação ética a essas novas formas de poder tecnológico são elementos centrais de seu pensamento.

Após lutar na guerra, Hans Jonas mudou-se para o Canadá e EUA e voltou a desenvolver seus trabalhos acadêmicos sobre ontologia, biologia filosófica e, embrionariamente, sobre ética. Nesses trabalhos, o autor trata da precariedade da vida e ressalta que ela está presente em outros organismos da natureza, não sendo algo unicamente humano. Esse fato deveria aproximar os humanos da natureza, já que ambos compartilham o mesmo espaço, ou ainda, nós humanos necessitamos do equilíbrio dos ecossistemas terrestres para a nossa sobrevivência.

Esses pontos que marcaram a trajetória do autor serviram de base para a escrita de seu livro *O princípio responsabilidade*, no qual Jonas faz uma crítica e análise da história da filosofia no que concerne à ética e à técnica, desde o desenvolvimento do humano em organizar-se no que hoje conhecemos como cidade e no agir coletivo, até a criação e desenvolvimento da técnica que visava apenas atender às necessidades do ser humano. Partindo desse ponto, Jonas afirma que a ética foi desenvolvida para suprimir as necessidades imediatas da existência humana. A ética, até o início da modernidade, preocupa-se com o aqui e com o agora, contemplando apenas a esfera do contato direto, imediato.

Com a evolução da técnica, a ética deve considerar a dimensão temporal futura como pertencendo ao seu âmbito, ou seja, as consequências futuras das ações do presente devem ser consideradas na tomada de decisão sobre a conduta humana enquanto sociedade. Neste sentido, o presente trabalho visa apresentar algumas das principais ideias de Hans Jonas sobre a Ética do futuro, presentes na obra “O Princípio Responsabilidade” e no livro *Técnica*,

¹STOCK, André, 2021, p. 2.

Medicina e Ética. No primeiro capítulo, será a relação da ética tradicional e da *techné*, como também, a modificação da natureza do agir humano segundo Hans Jonas. No segundo capítulo o tema a ser abordado é a construção do princípio responsabilidade trataremos do novo imperativo categórico, da heurística do temor e da ideia de dever. No terceiro capítulo, a partir da obra *Técnica, Medicina e Ética*, traremos uma reflexão introdutória sobre os dilemas éticos enfrentados pelo humano contemporâneo e a ambiguidade do poder da tecnologia para pensar a relação da responsabilidade com a técnica e a política.

1. AS CARACTERÍSTICAS DA ÉTICA TRADICIONAL E AS MUDANÇAS NO AGIR HUMANO

Jonas nos traz três elementos importantes para a análise do desenvolvimento do ser humano: a ética, a técnica e a natureza. No que concerne à natureza, temos uma ligação mais direta com a técnica, já que utilizamos a natureza para produzir os artefatos. E temos a ética como uma formulação da conduta adequada dos humanos nas relações entre si, e não como algo que seja em geral aplicado à natureza. Já a técnica tem o papel de suprir as necessidades materiais dos seres humanos.

Para apresentar a construção da filosofia jonasiana, tentarei demonstrar o pensamento do filósofo sobre a relação entre ética e técnica.

No que tange a ética, o ponto de partida do autor na obra *O Princípio Responsabilidade* é uma apreciação das diretrizes da ética tradicional, que orientam os princípios os quais os seres humanos devem obedecer. Nesses princípios, temos que a condição humana encontra-se em traços fundamentais², e a partir desses fundamentos o homem pode determinar o que é bom para si. Como, por exemplo, nas atividades comuns da sobrevivência humana, é de conhecimento do homem que ele precisa alimentar-se para sobrevivência, porém, apenas comer sem critério, e de maneira exagerada não garante uma boa forma física e saudável ao homem. É sabido por ele que se deve optar por bons alimentos e exercitar o corpo, caso contrário terá um mau funcionamento do corpo que pode ocasionar um sofrimento a si mesmo, ou a terceiros nos casos em que é responsável pela alimentação de outro homem. Sendo assim, é de responsabilidade humana as suas escolhas do dia-a-dia, uma vez que, é claro ao homem o fundamento do que é bom ou mau para ele.

Jonas traz que a ética permanece seguindo os mesmos princípios desde sua criação, e com isso ele traz cinco características éticas significativas até a modernidade. A primeira é no que concerne à atuação do homem com a técnica, pois “todo trato com o mundo extra-humano, isto é, todo o domínio da *techne* (habilidade) era - à exceção da medicina - eticamente neutros”³ ou seja, a atuação do homem na natureza para com o desenvolvimento de objetos não possuía valores éticos. Por conseguinte, temos que a importância ética estava baseada na relação direta entre humanos e do homem consigo mesmo.⁴ Disto, ocorre a principal crítica de Jonas aos modelos éticos tradicionais: eles eram antropocêntricos.

As outras três características éticas, assim como a primeira, partem desse ponto central

² JONAS, 2011, p.29.

³ *Ibidem*, p.35.

⁴ *Ibidem*, p.35.

da ética tradicional: o fato dela ser antropocêntrica, pois o terceiro ponto demonstra primeiro que a condição fundamental da ação dos seres humanos era constante, e com isso ele não era objeto da *téchne*.⁵ Uma vez como demonstrado nos parágrafos anteriores, os fundamentos da condição humana eram fixos. E, a partir disso, temos o quarto ponto no qual, “o Bem e o mal, com o qual o agir tinha de se preocupar, evidenciavam-se na ação, seja na própria práxis ou em seu alcance imediato.”⁶.

Os mandamentos éticos instruíam o homem a uma análise prévia de seus atos a pensar sobre o “bem” e o “mal”. O alcance da ética tradicional em relação a danos maiores futuros não é efetivo, já que o comportamento correto se evidenciava na sua “aprovação” imediata, e o mal ficava à critério do acaso como um “aprendizado” para o homem e as consequências limitadas ao tempo que o homem possuísse de vida.

A última característica apontada por Hans Jonas, está na constatação de que embora fossem elaborados “diferentes” tipos de ética, todas tratavam de uma mesma premissa básica: a ação imediata, alguma delas são “ama o teu próximo como a ti mesmo”; “faze aos outros o que gostaria que eles fizessem a ti”; “submete o teu bem pessoal ao bem comum”⁷. Este ponto contínuo no pensamento de Jonas, parafraseando os pesquisadores Battestin e Ghiggi quer chamar atenção para a insuficiência dos imperativos éticos tradicionais diante das, “novas” dimensões do agir coletivo.⁸

Portanto, estes cinco princípios trazidos por Jonas: antropocentrismo, imediatismo e proximidade, reciprocidade, invariância das condições e a autonomia de moralidade, demonstram a necessidade de uma reformulação do alcance ético.

1.1 O humano da *techné*

A fronteira construída entre o mundo clássico em seu artefato da cidade e a natureza foram rompidas com o avanço da técnica, pois o humano começou a ocupar mais espaços da ordem cósmica, e isso gerou uma fusão entre o natural e o artificial. É como se a natureza fosse engolida pelo homem e não desse mais para pensar esses dois mundos de modo separado. Um exemplo disso são os desastres ambientais presenciados no mundo contemporâneo, que são frutos da ocupação humana em espaços que antes eram do domínio da natureza, como a construção de casas em encostas, e as grandes metrópoles que foram

⁵ *Ibidem*, p.35.

⁶ FARIAS, JÚNIOR, J. B., 2021, p. 35

⁷ *Ibidem*, p.36.

⁸ BATTESTIN, C.; GHIGGI, 2010, p. 71.

ocupando cada vez mais os espaços naturais. Esses espaços ocupados pelo homem suprimem a demonstração de vida da natureza, e os desastres seriam como uma reivindicação de um espaço que sempre foi dela.

A questão é que a magnitude da ocupação e uso da natureza na contemporaneidade não foi prevista pela ética clássica, por isso, Jonas traz dois termos acerca dessa questão. O primeiro é que a natureza está perdendo a capacidade de auto-renovação, de cuidar de si mesma. A natureza está sofrendo as consequências do agir humano e isso possivelmente vai comprometer as condições de existência futura da humanidade. Isso traz duas propostas que estão a ser desenvolvidas. A primeira é a urgência contemporânea em ocupar-se de legislações, que pensem numa forma de garantia de um futuro que possua um mundo para novas gerações de homens.⁹ Por conseguinte, o homem deve ocupar-se de uma nova moral, em que o dever de preservar o mundo físico seja uma premissa básica.

1.2 Técnica e natureza

Sobre o desenvolvimento da *techné*, Jonas traz como metáfora o canto do coral Antígona, de Sófocles. Nesse canto há uma exaltação do poder e da inteligência do homem por conseguir dominar a natureza ao seu redor que era até então vista como inanimada. O canto faz menção aos fatos naturais de repetição que o homem aprendeu a usar ao seu favor, como a chuva no auxílio a produção de alimentos, aos animais que o homem consegue capturar para alimentar-se. E, por fim, o fato do homem dominar a língua, os pensamentos e a cidade, artefatos que ele criou para si mesmo.

Nesta cidade criada pelo humano,

E a língua, e o pensamento alado, e os sentimentos de onde emergem as cidades, tudo isso ele ensinou a si mesmo! E também a abrigar-se das intempéries e dos rigores da natureza! Fecundando em recursos, previne-se sempre contra os imprevistos. Só contra a morte ele é impotente, embora já tenha conseguido descobrir remédio para muitas doenças, contra as quais nada se podia fazer outrora.¹⁰

Jonas reflete sobre a capacidade e as limitações humanas expressas neste canto. A capacidade no que concerne ao desenvolvimento de suas próprias habilidades como a linguagem e os sentimentos, que são fundamentais para a construção da cidade, a habilidade

⁹ *Ibidem*, p. 44.

¹⁰ JONAS, 2011, p. 31.

de proteção contra a natureza e de proteção contra o inesperado efetuada com a construção dos muros que cercavam as cidades.

Essa peça teatral de Sófocles, descrita por Jonas como “angustiosa homenagem ao opressivo poder humano”¹¹, nos leva ao fato de que o homem criou para si tudo o que ele determinava como essencial e a mais importante dessas obras foi a construção da cidade, lugar que o homem criou com, a função de cercar-se.¹² Nessa cidade o homem criava para si permanências artificiais com suas leis, com seus objetos e sua moradia.

A partir do cercar-se na cidade, a natureza fica do lado de “fora”, e então a natureza não estava sob o domínio ético, já que os humanos não acreditavam que a estavam afetando no exercício da sua *techné*. O homem criava sua permanência a partir do domínio da técnica, pelos elementos naturais transformados. Ele visava apenas atender às necessidades que ele mesmo criou para si sem pensar a longo prazo, pois nada era criado para durar – pelo contrário, o homem via-se em constante evolução e aperfeiçoamento da sua arte e das suas necessidades:

Sua vida desenvolveu-se entre o que permanecia e o que mudava: o que permanecia era a natureza, o que mudava eram suas próprias obras. A maior dessas obras era a cidade, à qual ele podia emprestar um certo grau de permanência por meios que inventava e aos quais se dispunha a obedecer. Mas nessa permanência, artificialmente produzida, não oferecia nenhuma garantia de longo prazo.¹³

Esse trecho do livro de Jonas discute a relação entre a natureza, que é constante, e a produção humana, que é mutável. É destacada a dualidade entre o que permanece e o que muda, a natureza que é constante e uniforme, e a produção da cidade humana com sua permanência ilusória de constância, com a criação da cidade os artefatos criados pelo homem expandiram-se, mas o alcance ético permaneceu o mesmo.

Após a sua crítica, Jonas traz que os modelos éticos tradicionais não contemplam as demandas do mundo contemporâneo, uma vez que a esfera de atuação humana mudou drasticamente, pois no evoluir da técnica temos o homem agindo de uma maneira ampliada e gerando danos, principalmente a natureza, a qual a ética não atingia. Como descrito: a técnica moderna introduziu ações de uma tal ordem de grandeza inédita.¹⁴ Apesar de sua, crítica ao modelo ético tradicional, Jonas não o descarta dado que os mandamentos antropocêntricos

¹¹ *Ibidem*, p. 31.

¹² *Ibidem*, p. 33.

¹³ JONAS, 2011, p, 33.

¹⁴ *Ibidem*, p. 31.

ainda são relevantes para o convívio entre humanos.

O principal impacto desse agir do homem está no que concerne, a natureza e, as nossas condições de existência futuras, que na modernidade pode-se perceber que desde a *techné* sofria com as interferências humanas. A vulnerabilidade da natureza é devido à interferência humana através da técnica, que provocou danos irreversíveis, e ainda não gerou no homem uma responsabilidade sob a mesma, já que mesmo com a criação da ecologia, meio ambiente, e movimentos em prol da natureza, o principal ator desses impactos que é o homem continua agindo sobre ela da mesma maneira, e gerando impactos irreversíveis.

A principal questão acerca desse agir do homem na natureza está no fato de que os danos são irreversíveis e acumulativos e em magnitudes crescentes. O fato deles serem cumulativos gera o *looping* no qual o homem antigo vivenciou um estado da natureza que o homem contemporâneo não conhecera, pois os danos na biosfera são crescentes. E esse “progresso” do homem o leva, a contradição ética, em que o homem destrói as condições necessárias para sua existência.

Com isso, Jonas traz um questionamento acerca desse comportamento humano perante a natureza, já que o autor acredita que proteger a estrutura da natureza só pela própria subsistência não tira a ética do campo antropocêntrico. Enquanto for destino do homem, dependente da situação da natureza, a principal razão que torna o interesse na manutenção da natureza um interesse moral, ainda assim se mantém a orientação antropocêntrica de toda ética clássica.¹⁵ Pois, o pensamento de partida desse novo saber moral deve estar focado no Ser, ou seja, tudo aquilo que possui vida e não apenas o homem.

Sendo assim, Jonas coloca que a natureza como uma responsabilidade humana é seguramente um *novum* sobre o qual uma nova teoria ética deve ser pensada.¹⁶ Ou seja, uma nova moralidade, na qual a natureza também seja vista como um elemento que possui vida e que agora reivindica sua permanência e vida, e que seja vista como algo que também possui direitos e deveres. Isso constituiria um novo direito moral da natureza, e tiraria o homem do seu núcleo antropocêntrico.

1.3A natureza modificada do agir humano e a necessidade de uma nova ética

Para Jonas, a natureza modificada do agir humano nos conduz à necessidade de elaboração de uma nova conduta ética em relação à natureza. Ou seja, um novo ideal de direito e deveres que contemple a natureza precisa ser desenvolvido. Isto quer dizer que,

¹⁵ *Ibidem*, p. 40.

¹⁶ *Ibidem*, p. 39.

segundo Jonas, a capacidade humana de modificação da natureza com o desenvolvimento da técnica exige uma nova postura ética que contemple a preocupação com a intervenção técnica exagerada e as suas consequências.

Jonas destaca que os objetos passaram a não serem criados pensando em um fim útil e finito, para suprir as necessidades do homem como tradicionalmente apresentado. Pelo contrário, a fabricação moderna busca superar sempre a si mesma. A técnica atinge atualmente mais do que a esfera da necessidade. Ela penetra no homem eticamente, pois atinge o ego humano de querer superar a si mesmo e alcançar um sucesso crescente pelo que cria.¹⁷

Hoje, na forma da moderna técnica, a *techné* transformou-se em um infinito impulso da espécie para adiante, seu empreendimento mais significativo. Somos tentados a crer que a vocação dos homens se encontra em contínuo progresso desse empreendimento, superando-se sempre a si mesmo, rumo a feitos crescentes. A conquista de um domínio total sobre as coisas e sobre o próprio homem surgiria como a realização do seu destino.¹⁸

Este trecho aborda a transformação da *techné*, visto que esta referia a conhecimentos práticos para tarefas específicas. Entretanto, na modernidade, a técnica se expandiu abrangendo as variações técnicas dentre elas a científica a tecnológica, levando a técnica a esta nova esfera de progresso contínuo.

Nisso, temos o fator descoberta, no qual Jonas ressalta esse ego do homem que o leva a essa necessidade incessante de descobertas e de buscar sempre mais. Essa evolução tecnológica está ligada ao entusiasmo de desenvolver algo novo mesmo sem um propósito em vista, sem pensar no futuro alcance das consequências das novas tecnologias, algo como um impulso de domínio sobre a natureza. Jonas descreve esse modificar do agir humano como o “triunfo do *homo faber* sobre o seu objeto externo”, que modifica a constituição interna do *homo sapiens*.¹⁹ Isto é, o homem passou a dominar o seu entorno e principalmente a natureza com o seu projeto inventivo de construir para si. Com isso, o uso das invenções tecnológicas, deveriam, estar respaldados por uma teoria moral adequada ao poder de alcance dos seus efeitos, já que o agir humano foi modificado, a ética precisa ser reformulada.²⁰

Além desse novo desenvolvimento técnico atingir as coisas não humanas. Isso agora passa a atuar em um novo domínio que nunca foi seu objeto: o próprio ser humano. Jonas traz, em *O Princípio Responsabilidade*, três exemplos do humano como o objeto central da

¹⁷ *Ibidem*, p. 43.

¹⁸ JONAS, 2011, p, 43.

¹⁹ *Ibidem*, p, 43.

²⁰ *Ibidem*, p, 21.

técnica, isso gera uma série de questionamentos sobre os limites das intervenções, como também. Acerca de como seria a seleção dos homens do objeto de estudo e quais seriam os beneficiados.

Para ilustrar a situação, o filósofo coloca as seguintes questões: a primeira diz respeito ao prolongamento da vida, que, com o avanço da biologia molecular, trouxe essa nova perspectiva de “possibilidade” em relação ao problema da morte. O homem como objeto de sua técnica, e com isso sendo usado para o prolongamento de sua própria vida ou no retardamento da velhice, ou morte. Isso implica diversas questões: o acesso a esse prolongamento, de quem o receberia, a natalidade, a falta de surpresas sem novos nascimentos. Como descrito por Jonas, o prolongamento da vida leva o homem a um tédio: esse eterno começar, que só se pode obter ao preço do eterno terminar, pode muito bem ser a esperança da humanidade, que se protege de mergulhar no tédio e na rotina, sendo a sua chance de preservar a espontaneidade da vida.²¹

Essa tentativa de prolongamento da vida é o resultado do homem querer superar a si mesmo. E tornando-se possível o homem prolongar a vida, continuar-se-ia a incessante busca do querer algo maior do que já foi feito. Trata-se de chegar a uma imortalidade dando continuidade ao processo de degradação do meio em que ele vive.

Dito isso, Hans Jonas reflete sobre o controle de comportamento e a manipulação genética. Em ambos, o filósofo coloca em questão a liberdade do homem, pois o controle de comportamento abrange o transformar o que não é benéfico à sociedade: aliviar a sociedade da inconveniência de comportamentos individuais difíceis entre seus membros.²² E a manipulação genética configura o *homo faber* tomar em suas próprias mãos a sua própria evolução, a fim não meramente de conservar a espécie em sua integridade, mas de melhorá-la segundo seu próprio projeto.²³

Nos três pontos, as questões que se levantam são: quem seriam os homens a serem presenteados com o prolongamento da vida? Qual seria o modelo a ser seguido pelo controle de comportamento? E a manipulação genética seria a junção dos dois, como um projeto utópico do que o homem acha necessário que exista num futuro. O que surge é a problemática de como traçar os limites dessa biotecnologia.

²¹ *Ibidem*, p, 59.

²² *Ibidem*, p, 60.

²³ *Ibidem*, p, 61.

2. A CONSTRUÇÃO DO PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE

2.1 A ideia do dever e a reformulação do imperativo Kantiano

Jonas propõe uma ética “do mais além”, na qual os mandamentos tradicionais imediatos ao próximo ainda seriam válidos, porém acrescentaria o fator responsabilidade às ações, uma vez que os impactos dessas não afetam apenas o momento presente do homem. Trata-se de uma ética que atribui ao homem não somente as consequências imediatas acerca dos seus atos, mas que atinja a sociedade em geral como uma filosofia de vida para que possam usufruir do momento presente da vida sem causar danos irreversíveis ao que nos cerca e às existências futuras. Isto é, seria viver o hoje de uma maneira não destrutiva para que o mesmo mundo no qual vivo hoje possa ser vivido por outro ser no futuro. Para Jonas, isso está no que concerne aos direitos e deveres do homem, já que os seres humanos continuam a procriar, gerando, assim, continuamente, o dever de preservar o mundo para as existências futuras:

O Dever é uma exigência que está implícita no Ser, desenvolvida, na reciprocidade. Se existem deveres, existem também direitos.

O dever com a existência futura depende exclusivamente de nossa responsabilidade. Se somos responsáveis pelo Ser, somos responsáveis pelo futuro que ainda não existe, mas que está projetado pela continuidade do direito de ser e estar no mundo.²⁴

Um importante ponto da responsabilidade de Jonas é que não se trata apenas do homem, mas de todo o ser biológico, de toda manifestação de vida, portanto a responsabilidade não é apenas acerca da existência humana, mas de qualquer forma de existência. que faça parte da vida. Com isso, o autor ressalta que não há a possibilidade de postergação da responsabilidade humana. Pelo contrário, a primeira premissa que deveria ser adotada pelo homem é a de que exista vida. O fato é que não podemos postergar esse assunto para o futuro, pois o mesmo depende do presente para que ele venha a existir. A responsabilidade já existe e é algo que temos que assumir o quanto antes.

Para afirmar as premissas de uma ética adequada ao paradigma contemporâneo, Jonas reformula o imperativo kantiano “aja de modo que tu também possas querer que tua máxima se torne lei geral”,²⁵ pois acredita que essa máxima se baseia no “poder” ou “não poder” do homem individual e que a ação deveria existir de modo que possa ser concebida, sem

²⁴ BATTESTIN, C.; GHIGGI, G, 2010, p. 79.

²⁵ *Ibidem*, p. 47.

contradição, como exercício geral da humanidade.²⁶

Por isso, ele traz a reflexão de que não é falsa a ideia de o mundo deixar de existir e que esse imperativo acabaria por ser inconclusivo, pois beneficiaria o homem no presente a ter a felicidade que quisesse, já que ele é a sua própria régua moral para agir, e isso poderia implicar em satisfazer a felicidade do presente em prol da infelicidade do futuro. Jonas não defende que a escolha deva ser baseada no pensamento de que essa geração merece suprir tudo que deseja e que a futura seja infeliz, ou que o presente não seja feliz e que a futura possa usufruir. A ideia de Jonas é que a responsabilidade seja o motor central social para que a existência seja preservada. Com isso, ele traz duas reformulações do imperativo kantiano, a positiva e a negativa. A positiva seria “aja de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a terra”.²⁷ E a negativa: “aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida”.²⁸

Essas novas reformulações do imperativo Kantiano servem como um importante ponto de partida na construção do princípio da responsabilidade. Neste sentido, a máxima é refutada e reformulada, pois o homem kantiano partiria de si mesmo e de suas crenças para agir da maneira que acredita ser melhor, e tomaria consequências distintas e fora de controle, pois sua máxima poderia ser baseada em destruição de si mesmo e do próximo, ou o positivo disto, o que seria de fato desconhecido.

Com a reformulação desse imperativo, Jonas traz a perspectiva política para o horizonte da ética, pois, para ele, a urgência da questão concerne mais ao homem na esfera política, uma vez que a conduta deve ser pensada a partir de uma escala maior de consequências que abrange não apenas a necessidade do homem individualmente e nem o seu contemporâneo, mas sim do mais além daqueles que ainda estão por vir.

Jonas propõe o novo imperativo categórico como princípio porque ele não acredita que a responsabilidade deva ser construída somente a partir dos sentimentos, embora o sentimento de responsabilidade seja um importante componente de sua ética. Pois, uma proposta que parta somente de elementos emocionais não será efetiva para que a responsabilidade seja despertada porque, a partir desses elementos de “caos”, pode surgir apenas uma simples afirmação vazia de que o futuro deve existir. As emoções são um fator importante na definição desse futuro, mas a mudança de comportamento não pode ser baseada

²⁶ *Ibidem.* p. 47.

²⁷ *Ibidem.* p.47.

²⁸ *Ibidem.* p.47.

apenas nelas, pois elas passam.

Ele (o saber) não pode estar confiado à emoção; deve legitimar-se teoricamente a partir de um princípio inteligível... Não basta mais a simples plausi ou a evidência emocional de frases que afirmam que o futuro da humanidade e do planeta deve tocar o nosso coração... Poderemos no máximo confiar na força do convencimento dos nossos sentimentos. Essa força se torna mais insuficiente quando avançamos do axioma básico - quase não contestado e talvez admitido com excessiva facilidade - de que deve haver de qualquer maneira um futuro.²⁹

Acredito que esse trecho se encaixa nas ocasiões em que se precisa assumir responsabilidade sobre algo que é confortável para si mesmo, como o fato de que não se deve lavar calçadas, ou que se devam separar os lixos para reciclagem. Mas que força maior irá fazer com que o homem comum entenda teoricamente de, que é mais vantajoso para os seus descendentes que ele separe o lixo do que simplesmente jogá-lo todo em uma sacola que será coletada e descartada em lugares com problemas que o mesmo desconhece, pois não o atingem de imediato. A responsabilidade tem dificuldade de ser algo real para a sociedade em geral, pois quando o problema está perto o suficiente para que ele possa pensar sobre a seu papel o mesmo é resolvido, isto é, saem do seu campo de visão, as consequências são afastadas. Isto me remete a dois acontecimentos, o primeiro na cidade de Teresópolis que foi tomada por fumaça de lixo por conta do lixão que estava desativado e que não havia, sido tratado da maneira correta, fazendo com que a região central da cidade ficasse tomada pela fumaça. O segundo aconteceu na Groenlândia. Ao se deparar com uma fumaça e fogo, os habitantes de uma pequena comunidade acreditaram por alguns minutos que se tratava de um vulcão, mas a realidade eram os lixos de uma aldeia próxima. O ponto que desejo chegar é que quando o problema está perto o suficiente para ser observado pela sociedade para que a mesma, entenda o impacto, ele é mascaradamente resolvido, e mesmo que não o fosse e que se levasse o questionamento da origem dos acontecimentos, isso traria apenas uma emoção e aceitação momentânea a esvaír com o passar do tempo e da conformidade. Por isso, é necessário também um princípio racional que oriente a ação ética em relação a um futuro em que a Terra seja habitável.

2.2 Heurística do temor

Um dos motores para essa nova ética descrita por Jonas está no que o autor descreve como “heurística do temor”. Ele defende a responsabilidade como uma atitude ética sobre a

²⁹ JONAS, 2011, p, 69.

vida e, com isso, acredita que o temor pode ser um estímulo para que essa responsabilidade seja desenvolvida. Jonas não acredita que o temor seja um sentimento que paralisa, mas que serviria de motivação necessária para que o homem, ao deparar-se com a possibilidade da destruição vital existente, buscaria alternativas para uma responsabilidade eficaz:

Quanto mais próximo do futuro estiver aquilo que deve ser temido, mais a Heurística do Medo se torna necessária. O medo se torna a primeira obrigação preliminar de uma ética da responsabilidade. É do medo fundado que deriva a atitude ética fundamental, repensada a partir da vontade de evitar o pior.³⁰

Na heurística do temor de Jonas podemos visualizar um complemento ao seu imperativo categórico. O agir da ética tradicional afetava a esfera do agora, enquanto que a ética da responsabilidade, com o artifício da heurística do temor, pretende levar o homem a enxergar as consequências dos atos presentes na vida futura.

A degradação biológica pode ser percebida de maneira mais notória devido ao acúmulo de perdas por vezes irreparáveis ao meio ambiente. Como no modelo ético anterior não era possível mensurar o alcance dos danos à natureza, todo esse acúmulo foi trazido para o momento presente de maneira urgente.

Uma vez que a natureza e a ideia da existência de um futuro não eram um problema evidente, Jonas acredita que a heurística do temor seria um meio para que a ameaça da vida futura desperte no homem a ação responsável em relação ao futuro. O medo de Jonas convida o homem a agir, pois perante a visualização imaginária da destruição do meio que ocupa, o medo causado por essa imagem de futuro seria um motor para o despertar da responsabilidade.

Sendo assim, o autor acredita que é necessária uma ameaça, a imagem do homem, que de fato seja clara a ameaça, a existência da vida biológica, pois, a partir da deformação, daquilo que se acredita ser ideal e reconhece ser indispensável, o pavor traria ao homem a ação: o saber se origina daquilo contra o que devemos nos proteger.³¹

Para a “ética do futuro”, Jonas propõe dois deveres que são iniciados na heurística do temor. Que o que deve ser temido ainda não é conhecido pelo homem, portanto não existem referências no passado e futuro. “o malum imaginado deve aqui assumir o papel do malum experimentado. Como essa representação não acontece automaticamente, ela deve ser reproduzida intencionalmente.”³²

³⁰ FARIAS JR., J. B, 2021, p. 101.

³¹ *Ibidem* p, 71.

³² *Ibidem* p, 72.

2.3 O imperativo categórico e o princípio responsabilidade

O princípio responsabilidade tem o seu ponto de partida na reformulação do imperativo kantiano, em que Jonas propõe: “aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida sobre a terra”³³ como apresentado por Fernanda Prux, no imperativo kantiano não há uma regulação moral, pois o que basta é estar de acordo com a lei. Entretanto para Jonas é fundamental também levar em consideração as consequências que venham, a resultar da ação, não levando em consideração apenas as intenções, mas também as consequências.³⁴

Com isso, o autor apresenta os deveres que caracterizam a ética do futuro para uma sociedade responsável, o primeiro dever é o de visualização dos efeitos em longo prazo, ou seja, a ética do futuro trata de problemas que ainda não foram experienciados, portanto, o mal imaginado deve ser tomado como um mal experimentado. Em uma relação de causa e efeitos futuros, o agir humano não poderá permanecer nos moldes que contemplam apenas o momento presente. O segundo dever nos remete, à necessidade de evocar os sentimentos adequados às imagens de uma possível destruição das nossas condições de existência para que a ação ética seja praticada.

Como resultado, temos o dever para com o futuro, o fato de que o futuro precisa ser um reflexo do momento presente e que a ética contemporânea deve estar comprometida em tentar assegurar um futuro possível. Temos de estar vigilantes não tanto em relação ao direito dos homens futuros... Mas em relação ao dever desses homens futuros, ou seja, o dever de ser uma humanidade verdadeira.³⁵

A partir disto o autor discorre sobre os diferentes modelos de responsabilidade, que são derivados do agir, do homem. Dentre eles temos a responsabilidade moral e legal. E as responsabilidades que são assumidas no exercício, de seu dever para com a comunidade no exercício de sua profissão. Como o fato de que um comandante, ao estar guiando um navio, precisa responder de acordo com o seu conhecimento sobre o mar, e não a outrem como o proprietário da embarcação. Com isso, Jonas pretende demonstrar que a responsabilidade engendra a ação e as escolhas que não são baseadas em reciprocidade: por circunstâncias ou por convenção, encontram - se sob meus cuidados o bem-estar, o interesse e o destino de outros, ou seja, o controle que tenho sobre eles inclui igualmente, a minha obrigação para com

³³ JONAS, 2006, p, 47.

³⁴ SUSIN, Fernanda Prux, 2017, p, 51.

³⁵ JONAS, 2011, p, 92.

eles.³⁶

Dentre esses deveres e modelos de responsabilidade, Jonas busca traçar um paralelo entre a responsabilidade política e a responsabilidade parental. Embora o objeto da responsabilidade parental seja os frutos da nossa procriação, intimamente relacionado conosco e cada um deles portador de valor próprio, e o objeto da responsabilidade política seja os indivíduos numerosos e anônimos da sociedade,³⁷ ainda assim o autor argumenta que há elementos comuns entre os dois tipos de responsabilidade.

De fato que a responsabilidade de um pai para com o filho é direcionada a um indivíduo, e por vezes uma escolha de se responsabilizar apenas por aquele indivíduo, enquanto a política é uma escolha de se responsabilizar por inúmeros seres, sejam eles racionais ou não. Entretanto, a responsabilidade está sempre presente, seja o indivíduo público ou não, pois a reciprocidade está sempre presente, na medida em que, vivendo entre seres humanos, sou responsável por alguém e também sou responsabilidade de outros.³⁸

O marco em comum entre ambas as responsabilidades está na totalidade, continuidade, e futuro. Uma das uniões da responsabilidade política e parental está no quesito de que a educação de uma criança inclui em passar a ela o código de crenças e normas sociais. O que é gerado na infância vai construir essa criança no adulto político e responsável que ele irá se tornar. Se os códigos e crenças repassados às crianças não forem códigos de responsabilidade para com o futuro e o bem do próximo, será mais dificultoso que isso seja gerado pelo Estado, que também participa da formação desses cidadãos:

A educação da criança inclui a introdução no mundo dos homens, começando com a linguagem e seguindo com a transmissão de todo o código de crenças e normas sociais, cuja apropriação permite que o indivíduo se torne membro da sociedade mais ampla. O privado se abre para o público e incorpora-o como parte integral do Ser da pessoa.³⁹

O que difere a responsabilidade parental da política está no quesito de que o cuidado parental é visado no presente, e no político é necessário que seja pensado para as gerações futuras. O político assume consigo o dever de existência dos próximos seres biológicos, em um ambiente que seja propício e digno de uma vida humana. Os códigos e os deveres futuros são agregados na formação do homem com o estado.

³⁶ JONAS, 2011, p. 168.

³⁷ *Ibidem*, p. 173.

³⁸ *Ibidem*, p. 175.

³⁹ JONAS, 2011, p. 181.

3. O HUMANO CONTEMPORÂNEO: RESPONSABILIDADE, TÉCNICA E POLÍTICA

3.1 Tecnologia, Responsabilidade e Política

Em sua obra *Técnica, Medicina e Ética*, Jonas apresenta os diferentes alcances da tecnologia, que deixa de ser entendida apenas como técnica e passa a ser compreendida também como um poder humano em ascensão. Essa transformação de técnica para tecnologia é devido à, revoluções técnicas. A técnica era usada pelo homem para um melhoramento de sua existência, não era utilizada por uma pretensão em grande escala, mas sim como um subterfúgio para a sobrevivência. Entretanto, devido à evolução econômica, a técnica também se desenvolve ganha mais alcance e a produção passam a ser maior, atingindo proporções antes inimagináveis. Como descrito por Jonas no prefácio de *Técnica, Medicina e Ética*: “é um processo que não depende de dramáticas decisões, mas dá banal cotidianidade e do uso de recursos em si mesmos inocentes, que favorecem a vida, que se tornaram necessários: toda a incansável tecnologia de nossa produção de bens, que alimenta o consumo mundial”.⁴⁰

Com isso, faz-se necessária a distinção entre a técnica pré-moderna e a técnica moderna. A primeira buscava apenas o melhoramento do que já possuía, e não buscava uma superação dos objetos.⁴¹ De modo diferente da técnica pré-moderna, temos a técnica moderna como “uma empresa e um processo”⁴². O primeiro ponto a ser destacado é o fato de que a técnica moderna busca levar além o princípio de tudo que é criado. As criações não são conduzidas a um ponto de equilíbrio.⁴³ Ou seja, não a um fim. Como, por exemplo, as indústrias da roupa, o propósito inicial era a vestimenta humana, entretanto, o mundo da moda cresceu de maneira exponencial, o que acarretou que hoje temos lixões a céu aberto de *fast fashion*, em Gana e no deserto do Atacama no Chile.

Ademais, Jonas pontua que em conjunto com as inovações tecnológicas, temos o fato que a tecnologia alcança globalmente, mais pessoas e numa rapidez que não era vista antes com a técnica antiga. Esta abrangência maior leva, a concorrência e, a contínua ideia de melhoramento. A tecnologia acaba criando necessidades a partir de objetos desejados. E com isso, é cada vez mais comum novas técnicas produzirem novos objetivos nos quais ninguém

⁴⁰ JONAS, 2013, p.21.

⁴¹ *Ibidem*, p, 27.

⁴² *Ibidem*, p, 27.

⁴³ *Ibidem*, p, 29.

havia pensado antes simplesmente por meio da oferta da possibilidade.⁴⁴ É como se a tecnologia gerasse ao homem essa necessidade de querer algo novo e que por vezes ainda desconhecido.

Objetivos que em princípio se produzem sem serem solicitados e quiçá casualmente, por feitos da invenção técnica, convertem-se em necessidades vitais quando se assimilam à dieta socioeconômica utilizada e apresentam a técnica a tarefa de seguir tornando-se seus e de aperfeiçoar os meios para sua realização.⁴⁵

Esse alcance global tecnológico traz consigo outra problemática acerca da “posse” do conhecimento. A ciência perde a “imagem minimalista da natureza”⁴⁶ por conta da aceleração tecnológica, uma vez que o progresso da ciência também participa de um bom aparato tecnológico para sua produção. Nisto temos, por exemplo, a medicina e a cura de algumas doenças e procedimentos que só foram possíveis graças ao desenvolvimento da tecnologia. Contemporaneamente, é como se a ciência não existisse sem a tecnologia. Essa questão nos conduz a um ponto que o Jonas expõe com frequência, que é o problema da bomba atômica, pois mesmo que ela não tenha sido pensada para o mal, ela foi usada com esse fim. E isto leva a ciência ao uso público, ou seja, deixa de estar sob o domínio de seu criador e o mesmo perde o controle dessa criação.⁴⁷

Em sua tese, Jonas afirma que o progresso tecnológico não é uma opção e, com isso, não é possível escolher viver fora dele. Mesmo que sejamos avessos às criações tecnológicas, a tecnologia continuará evoluindo e seremos afetados da mesma maneira pelos seus feitos.

Podemos lamentar seus feitos e detestar seus frutos e mesmo assim temos que avançar com eles, porque salvo no caso de que se auto destrua através de suas obras, o monstro avança dando a luz constantemente seus variados rebentos, respondendo cada vez às exigências e atrativos do agora.⁴⁸

3.2 O Estado e a Responsabilidade

Ainda em sua obra *Técnica, Medicina, e Ética*, Jonas argumenta que, independente do modelo político, existe um interesse no desenvolvimento da tecnologia. Isto ocorre devido ao tamanho dos estados políticos e da necessidade de manter a ordem. A tecnologia acaba por ser o meio que une as necessidades humanas ao governo:

Merece menção um fator, também ele não econômico, de estímulo tecnológico: as

⁴⁴ *Ibidem*, p, 30.

⁴⁵ JONAS, 2013, p, 31.

⁴⁶ *Ibidem*, p, 37.

⁴⁷ *Ibidem*, p, 37.

⁴⁸ *Ibidem*, p, 31.

necessidades de domínio ou “controle” dos grandes e povoados estados de nosso tempo, esses gigantes, superorganismos territoriais que dependem, para sua mera coesão de uma técnica avançada (por exemplo, nos campos da informação, da comunicação, do transporte) e tem, portanto, interesse em seus desenvolvimentos.⁴⁹

Jonas especula sobre um estado político comunista em que mesmo na utopia sem competição econômica externa e interna, o regime político ainda teria incentivo de desenvolver tecnologia, não apenas pela tecnologia em si, mas pela libertação do homem.

Como descrito por Farias Junior, Jonas destaca que o socialismo possui diversas vantagens sobre democracias capitalistas e liberais, já que as mesmas incentivam o consumo e o avanço da produção tecnológica. Seria então o socialismo o modelo de sua aposta, quanto a qual forma de governo-estado estaria mais apropriada para a realização de uma política da responsabilidade pelo mundo comum.⁵⁰

Entretanto, Jonas tem críticas ao socialismo no que tange, a revolução que se faz necessária para se chegar ao comunismo. Ele pretende então atualizar o marxismo e suas fragilidades. O marxismo acredita na revolta do proletariado para a revolução marxista, algo que poderia demorar anos, e afastaria o homem da questão principal que seria a responsabilidade.

Podemos ligar isso ao fato de que, para Hans Jonas, o homem precisa de conhecimento sobre a degradação e a maneira de preservar o planeta. E, este conhecimento poderá ou não ser próprio do homem, uma vez que o autor reconhece também que o desenvolvimento em massa do intelecto também é algo difícil de alcançar. Então, esse conhecimento deveria ser pensado e estar presente no Estado, que seria o fiscalizador e regulador dessa responsabilidade.

Portanto, a ideia marxista da revolução afastaria esse ideal da responsabilidade, pois estaria focada em primeira instância na libertação do proletariado fazendo com que as questões de preservação da natureza e das condições básicas de existência, não estivessem em primeira instância. Como aguardar o colapso do capitalismo se o homem está domado pelo ideal do consumo? A quebra atual do capitalismo estaria muito mais ligada ao esgotamento de recursos naturais para produção e a falta de condições dignas de sobrevivência sem esses recursos:

A superação do capitalismo pelo comunismo, entretanto, parece ser cada vez mais inalcançável, sobretudo porque, antes que tenhamos tais consciências e organização para a realização dessa revolução, o mundo já terá perecido com as catástrofes

⁴⁹ JONAS, 2013, p, 34.

⁵⁰ FARIAS JÚNIOR, J. B., 2021, p, 101.

ambientais e tecnológicas, cujo espectro já nos ronda e anuncia o que há por vir.⁵¹

3.3 O questionamento do alcance da técnica moderna como motor da reformulação ética

Jonas formula o seguinte questionamento: por que a técnica moderna é objeto da filosofia? O filósofo propõe essa questão para retomar a discussão da problemática do avanço tecnológico e o fato que esse avanço não possui uma regulação apropriada. A ética entra nesse campo, pois a técnica é um artefato construído e utilizado pelo homem e que cresce exponencialmente. Por conta disto, o autor atribui ao homem a responsabilidade pela técnica, pois acredita que a técnica moderna constitui um caso novo e especial e, com razões para isso, apresenta as cinco razões que mais o impressionam.⁵²

A ambivalência dos efeitos, que traz a questão que toda capacidade “como tal” ou “em si” é boa e só se torna má pelo seu mau uso.⁵³ Desta afirmação, Jonas apresenta que mesmo quando a técnica é usada para o bem, ela carrega em si o mal, pois, está inserida em uma espiral de evolução sem um fim determinado.

Tomemos como exemplo a análise que Jonas traça nos modelos políticos. A crítica que ele apresenta sobre o capitalismo incorre em incentivar o consumo. O marxismo destaca que, mesmo que se rejeite o capitalismo, a técnica ainda seria incentivada ao avanço, pois enxergam nela um bem.

Sendo assim, Jonas destaca que a técnica não se enquadra na neutralidade técnica, que rege a sociedade atual. E que o fator de risco está interligado, majoritariamente, ao sucesso, e ao excesso dessas técnicas.

Por conseguinte, temos o motivo da inevitabilidade da aplicação, que está correlacionado ao fato que a partir do momento que se cria algo, tange a necessidade que seja desenvolvida sempre mais. Esse fato contemporâneo traz luz às críticas do autor à ética tradicional, pois demonstra com clareza a distinção entre a função da *techné* e da técnica moderna. Uma pretendia atender, as demandas de um determinado local e população. A outra se desenvolveu para um âmbito em que se criam necessidades para que haja produção.

Outra razão apontada por Jonas seria as dimensões globais no espaço e no tempo. Neste ponto, Jonas procura trazer a grandeza das ações e dos efeitos no que tange à temporalidade e dimensões. O filósofo ressalta um ponto já abordado, mas que carece de um acréscimo: toda capacidade em grande escala carrega consigo um vetor de efeitos crescentes e

⁵¹ FARIAS JUNIOR, J. B., 2021, p. 98.

⁵² JONAS, 2013, p. 51.

⁵³ *Ibidem*.

eventualmente ruins. Jonas acrescenta então que: toda a capacidade de uma aplicação “tende a crescer em tamanho”⁵⁴. Uma expansão do que é afetado pela técnica moderna.

Este terceiro ponto retoma o fato de que pouco são os efeitos, da técnica que o indivíduo presente irá vivenciar, e que devido a isso as exigências sobre a responsabilidade crescem proporcionalmente aos efeitos, do poder.⁵⁵ Além disso, o problema da técnica moderna está no que concerne sua grandeza e acúmulo. Sendo assim, a responsabilidade se faz necessária, uma vez que a técnica atende as necessidades irreais, que se fundiram as reais. E assim formam - se um acúmulo de degradação global, que ocasionará a imprevisibilidade de sucesso em relação às necessidades e, a existência do planeta no futuro.

O quarto ponto apresentado por Jonas é o rompimento com o antropocentrismo. O autor inicia sua argumentação afirmando que, “ao ultrapassar o horizonte da vizinhança espaço-temporal, esse alcance ampliado do poder humano rompe o monopólio antropocêntrico da maioria dos sistemas éticos anteriores”⁵⁶. O fato de que agora a técnica não atinge só a esfera do presente e do imediato, mas que define também como será, a vida futura na terra.

Neste ponto, é retomada a questão que na ética tradicional a preocupação era restrita ao que concerne o homem, e em contraposto, nos deparamos com o resultado do antropocentrismo na vulnerabilidade e degradação da biosfera. Devido a isso, Jonas afirma que o direito exclusivo do homem ao respeito humano e à consideração moral se rompeu exatamente com a sua obtenção de um poder quase monopolístico sobre o resto da vida.

E, além disso, o autor pontua que o interesse humano perante o que o cerca deve ser enxergado para além da noção utilitarista. Isto é, a responsabilidade para com a preservação da biosfera não deve ser motivada pela manutenção do conforto do homem. Pelo contrário, a responsabilidade deve ser um modelo ético seguido pelos humanos, visando, a preservação de toda forma de vida na terra. Pois, como apontado por Michelle Bobsin: “Jonas estende o domínio ético aos demais viventes, pois postula que a vida é o princípio básico da liberdade, que mesmo as formas mais elementares de vida merecem consideração ética”.⁵⁷

O último ponto é a emergência da questão metafísica, no qual o autor inicia com uma abordagem catastrófica sobre a técnica:

⁵⁴ JONAS, 2013, p.54.

⁵⁵ *Ibidem*, p, 55.

⁵⁶ *Ibidem*, p, 55.

⁵⁷ DUARTE, Michelle Bobsin, 2014, p, 223.

O potencial apocalíptico da técnica sua capacidade de colocar em risco a própria existência da espécie humana, ou de arruinar sua integridade genética, ou de alterá-la arbitrariamente, ou mesmo destruir as condições de vida superior sobre a terra - levanta a questão metafísica com a qual a ética nunca havia se confrontado antes.⁵⁸

A partir dessa afirmação acerca da técnica, Jonas levanta perguntas simples, mas que mapeiam o que se pretende com o princípio da responsabilidade. As perguntas levantadas são: “Por que deve haver uma humanidade? Por que o homem tal como a evolução o produziu deve permanecer preservado, sendo sua herança genética respeitada? Porque deve haver vida em geral?”⁵⁹ Para o autor, a resposta destas perguntas é o mapa que guiará a técnica e a ideia de existência.

No desenvolver da argumentação, Jonas retoma os pontos um e três, os quais a princípio demonstram-se simples para o reconhecimento acerca da técnica boa e ruim. Entretanto, o autor traz a questão de que o efeito da bomba atômica seria destrutivo de uma vez só e, por isso, os governos as mantêm guardadas, já os fertilizantes são reconhecidos como positivos, pois preservam o alimento, mas seus efeitos em uma escala de tempo maior podem ser maléficos. Em um as consequências são imediatas, e no outro, em longo prazo.

Em vista disso, a preocupação jonasiana acerca da técnica está na imprevisibilidade de seus resultados. Ainda não é possível mensurar a grandeza da técnica, e nem em como serão seus efeitos no espaço – tempo:

Não se conhece os exatos valores-limites de tolerância para nenhuma das muitas direções nas quais avança o expansionismo humano. Mas sabe-se o bastante para poder afirmar que alguns encadeamentos técnicos de nossa ação - entre elas, as de importância vital - alcançaram pelo menos a ordem de grandeza desses valores limites, e que outros encadeamentos se associaram àqueles se permitirmos um novo crescimento no ritmo atual.⁶⁰

Em síntese, a humanidade se desenvolvia com freios naturais, entretanto, com o desenvolvimento da técnica essa dinâmica foi desfeita. Com isso, Jonas traz que o ponto principal é que precisamente as bênçãos da técnica, quanto mais delas formos dependentes, contêm a ameaça de se transformarem em uma maldição.⁶¹ Devido a isto, o homem se encontra em um cenário de dependência dos feitos da técnica. E para que ele consiga reaver sua liberdade, é necessário que o homem retome e imponha limites ao desenvolvimento técnico. .

⁵⁸ JONAS, 2013, p. 57.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 59.

⁶¹ *Ibidem*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Princípio Responsabilidade* proposto por Hans Jonas evidencia que os efeitos das ações da humanidade não se aplicam mais somente ao presente, mas que podem permanecer no futuro. No que concerne à ética tradicional, temos os conjuntos de fundamentos a partir dos quais o humano decide o que é melhor para si. Pelo fato da ética continuar a seguir os mesmos princípios tradicionais, que não preveem as consequências futuras das ações do presente, para Jonas, ela não seria mais capaz de acompanhar as demandas contemporâneas oriundas da evolução técnica.

A técnica, por sua vez, evoluiu tanto que Jonas considera que o ser humano não possui mais a dimensão do seu poder. Esta que foi criada a princípio para suprir as necessidades do homem na elaboração da cidade, eclodiu de tal maneira que a natureza deixou de ser algo que cerca a cidade, tornando-se mais um elemento da transformação técnica.

A natureza tornou-se um objeto de modificação humana e o principal risco do agir humano sobre ela está no que concerne à acumulação de danos irreversíveis. Embora as cidades dos homens tenham evoluído em sua técnica e criado artefatos para o bem estar, para Jonas isto permanece insuficiente, pois o coletivo humano não reconhece a dignidade da natureza e a ética não sai do seu antropocentrismo.

Com isto, a ideia de responsabilidade e o imperativo categórico propostos por Jonas são baseados no fato de que a existência humana deve ser assegurada sem melhoria genética e que os atos realizados no presente não impactem no planeta futuro que os humanos e os demais seres vivos irão habitar.

Para introduzir a discussão sobre a responsabilidade, Jonas traz pontos acerca da relação entre tecnologia e modernidade. Dentre eles, temos a diferenciação de alcance da técnica pré-moderna e a moderna para evidenciar a distinção entre um artifício que visava suprir as necessidades básicas do homem do outro que se tornou uma “competição” de aperfeiçoamento infinito do objeto com um alcance global.

Esse alcance global impacta na política que acaba por favorecer a evolução tecnológica desenfreada, sem diretrizes éticas e políticas que visem preservar a vida humana e a biosfera de sua aplicação indiscriminada.

Com o alcance global da técnica moderna e de seus efeitos, faz-se necessários novos condutores éticos. Para isso, Jonas propõe a Responsabilidade em um futuro como o princípio capaz de guiar os governantes na tomada de decisão para que o freio tecnológico possa ser

exercido, pois a humanidade não possui a opção de viver fora da tecnologia, mas deve utilizá-la de modo que não prejudique a existência futura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JONAS, Hans. **O princípio da responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: PUC/Contraponto, 2011.

_____. **Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade.** [tradução do Grupo de Trabalho Hans Jonas da ANPOF]. — São Paulo: Paulus, 2013.

STOCK, André. “**Hans Jonas, 1921-1945. O filósofo que declarou guerra**”. In Enunciação – Revista DEPARTAMENTO de Pós-Graduação em Filosofia da UFRRJ. v.6, 2021, p. 2.

FARIAS JÚNIOR, João Batista. **Hans Jonas e um marxismo livre de utopia: alguns comentários.** Revista Enunciação, Seropédica, v. 6, n. 1, 2021, p.35.

BATTESTIN, C.; GHIGGI, G. **O princípio responsabilidade de Hans Jonas: Um Princípio ético para novos tempos**”. In *Thaumazein* (Santa Maria) , v.3, 2010, p. 71.

SUSIN, Fernanda Prux. **Heurística do temor: técnica e responsabilidade em Hans Jonas.** Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de Caxias do sul. Caxias do sul. 2017.

BOBSIN DUARTE, Michelle. **É possível discutir uma ética para a civilização tecnológica?**. ÍTACA (UFRJ), v. 26, p. 216 – 233, 2014.

PAÚL, Fernanda. **‘Lixo do mundo’: o gigantesco cemitério de roupa usada no deserto do Atacama.** BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60144656>>. Acesso em: 16/07/2024.

NAADI, Thomas. O país que virou ‘lixão’ de roupas de má qualidade dos países ricos. BBC News África, 2021. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/media-58911546>>. Acesso em: 16/07/2024.